

# Resenha



## Interpretar e materializar a revolução: uma resenha de *Gramsci e a Revolução Russa*

LOLE, A.; GOMES, V. L. C.; DEL ROIO, M. (Orgs.). *Gramsci e a Revolução Russa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2017. 272p.

Por Eduardo Rebuá

Ser original no *tsunami* editorial ao qual assistimos todos nestas últimas duas décadas, em grande medida como resultado do produtivismo acadêmico e da comodificação de ideias, tem sido tarefa de intelectuais não apenas originais, mas sensíveis por demais às estruturas de sentimento, como as define o marxista britânico Raymond Williams: práticas e sentimentos dispersos e ainda não articulados; padrões de impulsos, inibições, tons (WILLIAMS, 2013, p. 155).

*Gramsci e a Revolução Russa*, tema inédito por aqui e no mundo, maneja o par história-política numa dialética fina, arguta e sintonizada com temas do presente, logrando ser atraente tanto para os materialistas, notadamente os gramscianos, quanto para o público que deseja conhecer mais sobre o intelectual italiano e a maior revolução do último século. O simbolismo destes escritos fica menos por conta da contabilidade cronológica (cem anos da Revolução Russa e oitenta anos da morte de Gramsci) e mais pelo movimento da temporalidade como experiência, característica ontológica fundamental e amálgama do fragmento.

Da imagem do século XX que o século XXI carrega na mochila, alguns matizes são inapagáveis, como aqueles compreendidos nos trinta anos entre 1917 e 1947. Neste recorte, que definiu os próximos cinquenta e por que não cem anos, a revolução socialista na Rússia e os fascismos representam balizas comentadas ainda hoje, numa aula de nono ano escolar, numa roda de amigos (ou inimigos), na cinematografia ou numa matéria de jornal.

Gramsci é um dos poucos personagens em nosso retrovisor que permitem a leitura crítica e simultânea destes dois paradigmas. O pensador mais original surgido no Ocidente desde 1917 (HOBBSAWM, 2011, p. 287), renovou e dilatou conceitos e categorias importantes da teoria marxista, sob condições

bárbaras que, todavia, não foram capazes de limitar o cerne de seu pensamento: a atualização do pensamento de Marx e dos marxistas –sobretudo Lenin –, e a diagnose mais precisa do fenômeno do fascismo, aquele corpo insepulto que ainda não compreendemos, nem sob a forma de espectro.

Os acontecimentos de 1917 causaram repercussões muito mais profundas e globais que sua ancestral Revolução Francesa, erigindo um projeto societário alternativo ao capitalismo, num país ainda feudal, e experimentando pelo menos até a morte de Lenin, a radicalização de projetos utópicos triturados pelas hegemonias filhas do setecentos e do oitocentos.

O marxista criativo (SEMERARO, 2006, p. 37) Antonio Gramsci, que na obra de Lole, Gomes e Del Roio não é tratado como “totem”, forma como o vemos em muitos trabalhos, ainda significa um arsenal vigoroso da crítica socialista antifascista e antistalinista, existindo com assombrosa atualidade nas distintas morfologias filosóficas, do senso comum às formas mais elaboradas do pensamento. E como rejuvenescer um cânone como Gramsci? Como criar uma tessitura narrativa capaz de ser, ao mesmo tempo (valendo-nos das palavras de Frosini no Prefácio) um *fato político* e um instrumento de *pedagogia revolucionária*?

A despeito dos treze robustos artigos – cuidadosamente preparados por intelectuais brasileiros e italianos –, não tarda muito em sua primeira leitura o impacto semelhante àquele de quando lemos a dialética do tempo em Marx, quando sentencia que a anatomia do Homem explica a anatomia do macaco: a anatomia do socialismo hoje é a chave para a anatomia da experiência russa de 1917? Ou do que se tornou a União Soviética (URSS) com sua taxidermia diuturna de utopias e sujeitos? Na dissecação dos processos políticos mais paradigmáticos do último século, de onde destacamos a Revolução de Outubro e os fascismos de primeira frente, Gramsci é sem dúvida o instrumento mais agudo na capacidade de preservar dúvidas e descartar pusilanimidades.

A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias que exprimem suas relações, a compreensão de sua própria articulação, permitem penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedades desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva de arrastão, desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado que toma assim toda a sua significação etc. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. O que nas espécies animais inferiores indica uma forma superior não pode, ao contrário,

ser compreendido senão quando se conhece a forma superior. A economia burguesa fornece a chave da economia da antiguidade etc. Porém, não conforme o método dos economistas que fazem desaparecer todas as diferenças históricas e veem a forma burguesa em todas as formas de sociedade (MARX, 2011, p. 58).

É possível dividirmos a coletânea em dois grandes eixos: (i) a investigação específica das ligações entre Gramsci e a Revolução da Rússia, que ocupa grande parte do material; e (ii) o debate de escopo mais amplo, de onde destacamos a temática da Revolução em Gramsci. No primeiro grupo destacamos os escritos de Domenico Losurdo, que explicita o gigantismo de Gramsci ao ser capaz de empreender uma radiografia do americanismo e fordismo, não como instrumento determinado geograficamente, mas como método de análise também da Rússia soviética e seus processos ulteriores a 1917. As reflexões de Anita Schlesener e Michelle Lima, que posicionam o microscópio da crítica para os anos de 1917, 1918 e 1919, quando *em cima da hora* dos eventos políticos da época, nosso marxista da Sardenha foi capaz de ler, traduzir e explicitar suas impressões (dúvidas e certezas) acerca da conjuntura do *novo*. Edmundo Fernandes Dias traz para os leitores uma observação arguta dos acontecimentos russos, utilizando Gramsci em suas interpretações anteriores e posteriores a fundação do Partido Comunista Italiano (PCI), em 1921, atentando, assim como Losurdo, para a discussão acerca da hegemonia desenvolvida no país de Lenin, sob o lastro da cultura e das formas de (re)produção da vida econômica.

Daniela Mussi, ainda no primeiro eixo que indicamos, corrobora com Dias ao colocar exatamente a cultura como diapasão das interpretações de Gramsci sobre a Rússia revolucionária, mas dedicando atenção à *mira* gramsciana, apontada para dentro de seu próprio *paese*, principalmente em direção aos intelectuais socialistas e neoidealistas, objetivando *traduzir* a revolução vermelha para a realidade concreta da Itália, criticando o reformismo e o intelectualismo. Marcos Del Roio, talvez no escrito mais didático do livro, também se preocupa com o movimento de “traduzir a universalidade posta por Lenin para a particularidade italiana”, empreendido por Gramsci, focalizando a travessia crítica do filósofo-intelectual para o marxismo. Rodrigo Passos insiste – mantendo o nexo cuidadoso que a coletânea burilou – no tema da tradutibilidade ou tradução em Gramsci, mas aqui é ela quem encarna o alicerce teórico-metodológico da análise: traduzir é sempre um esforço dialético de síntese entre o novo e o velho, por isso, sempre um movimento orgânico e unitário.

Os organizadores Victor Gomes e Ana Lole, valendo-se de uma das categorias centrais da crítica gramsciana, a Revolução Passiva, temporalizando as concepções do revolucionário acerca das experiências radicais russas, tanto em sua juventude quanto no período carcerário. Chama atenção a imersão *nas próprias palavras* de Gramsci, não como paráfrases que articulam a narrativa, mas como um diálogo a três, dialógico porque num ritmo imprevisível e concreto. Encerrando os artigos que enquadrámos como do primeiro campo (aquele que intitula o livro), Giuseppe Vacca busca uma aproximação com o Gramsci analista do nascimento soviético, mais especificamente da URSS quando do stalinismo e seu planetário de bárbaros equívocos. Fechar a obra com um escrito que debate *para dentro* do marxismo não poderia representar melhor aquilo que citamos anteriormente, como marca sensível impressa nestas páginas: não existe política sem pedagogia e pedagogia sem política. A obra *Gramsci e a Revolução Russa* é fato político e pedagogia revolucionária, ao mesmo tempo.

No segundo eixo estruturante temos cinco artigos que versam sobre Lenin e Gramsci, a revolução nacional, a concepção revolucionária da política, a tática e a violência. No primeiro deles, Eduardo Granja Coutinho aproxima os dois pensadores revolucionários da primeira metade do XX, num movimento semelhante ao de Marx: identificar na anatomia político-teórica ambos elementos de conservação e renovação, dialetizando a relação entre eles. Gianni Fresu explora o tema do nacional em Gramsci, numa narração referenciada exclusivamente nele, mas obviamente trazendo consigo as categorias e os interlocutores de mais destaque nos escritos do militante comunista. Giovanni Semeraro – no trabalho mais amalgamado aos escritos de Gramsci, uma vez que se vale integralmente do pujante *Caderno 13* – traz para o centro conceitos/elementos como Estado, vontade coletiva, guerras de posição e movimento, Maquiavel, o nacional-popular, hegemonia, grande e pequena política, partido. Trata-se de redesenhar o paiol gramsciano, em dezesseis páginas que atestam a atualidade dos *Cadernos* para as lutas políticas do presente.

Os dois últimos textos desta categoria são os de Lincoln Secco e Leandro Galastri. O primeiro, em linhas prenhes de originalidade e clareza analítica, investiga a tática em Gramsci traçando um panorama do elemento político-militar em conversa com o leninismo, as experiências dos conselhos, o arditismo, a estratégia, a guerra em seus vários matizes. Por último, Galastri envereda pela temática da violência política, que hoje volta à cena tanto em análises filosóficas – Benjamin e Žižek, que o retoma numa reflexão recente, por exemplo – quanto

em pautas dos *mass media* – os *black blocks* como ponto cego da crítica jornalística acerca da violência, mais evidente e nociva numa garrafa de vinagre nas mãos de um rapaz negro que num helicóptero com quilos de cocaína sob responsabilidade de membros do Parlamento. Insurgências, reivindicações, resistências, revoluções, greves e ocupações formam um mosaico intrigante e atual da luta política contra as hegemonias vigentes e em defesa dos vencidos da História.

Ao fim de *Gramsci e a Revolução Russa* sobram dúvidas, faltam páginas, mas permanece uma certeza centenária: precisamos trazer a revolução de volta às letras, pautas e horizontes. Nesta travessia, a companhia de Gramsci se reafirma como inegociável.

## Referências

HOBSBAWM, E. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

SEMERARO, G. *Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

WILLIAMS, R. *A política e as letras: entrevistas da New LeftReview*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

ŽIŽEK, S. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014.

## Nota

- 1 Professor adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), curso de graduação em História. Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF). Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Petrópolis (PPGE-UCP). Bacharel e licenciado em História pela UFF. Mestre em Educação pela UERJ. Doutor em Educação pela UFF. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação (NuFiPE-UFF). E-mail: rebua7@gmail.com

**Artigo recebido em agosto de 2017 e aceito para publicação em agosto de 2017.**

